

As árvores gritam enquanto morrem

Catarina Calvinho Gil



Verdes florestas profundas e vastos oceanos azuis, os pulmões do mundo, os pulmões do lar que tão belos e vastos ecossistemas acolhe, estão a morrer. O verde extingue-se a um ritmo alarmante, o azul é contaminado sem piedade. O planeta colapsa diante da nossa ingenuidade, ignobilidade e ignorância. Mas não o sabemos hoje, sabemos-lo há décadas.

Há trinta e cinco anos, em 1984, o realizador e animador japonês Hayao Miyazaki estreava a longa-metragem de animação “Kaze no Tani no Nausicaä” (“Nausicaä do Vale do Vento”) baseada num mangá que publicara dois anos antes. Um evento cataclísmico dizimara grande parte dos ecossistemas do planeta Terra. A população humana vivia dividida e isolada em pequenos reinos, separada por uma floresta nociva à sua vida, mas habitada por belíssimos seres gigantes.

Ao recordar o acidente de Three Mile Island, ou o desastre nuclear de Chernobyl, ou o episódio de Fukushima, encontraremos “Nausicaä do Vale do Vento” mais próxima da realidade ou da fantasia? E nós, humanos, onde estamos? Absortos pela ilusão ou cientes da realidade? Ou, talvez, num frágil limbo que ameaça quebrar-se a qualquer instante?

Há trinta e dois anos, em 1987, o animador canadense Frédéric Back apresentava a curta-metragem de animação “L’homme qui plantait des arbres” (“O Homem que Plantava Árvores”), baseado no conto homónimo de Jean Giono. Back trabalhava a poesia do movimento a fim de celebrar a vida, a Natureza, e em si concretizar a visão de um planeta em harmonia. A poética dos seus traços a lápis e pastel realçavam a beleza da vida no seu todo, da vida que se interlaça e interliga entre si, semeando questões sobre as nossas ações individuais e coletivas e acendendo consciências sobre o mundo que herdámos e aquele que pretendemos deixar às novas gerações.

Há vinte e dois anos, em 1997, Hayao Miyazaki completava um olhar mais sombrio e político do mundo com “Mononoke Hime” (“A Princesa Mononoke”). A mensagem não poderia adquirir maior relevância na circunstância de emergência que hoje enfrentamos. Naquele que parece ser um conflito de duas frentes: a do mundo natural e a do animal humano, onde o último prolifera como uma praga e a coexistência entre ambos se torna insustentável. Neste desenho assustadoramente fiel à realidade, onde o animal humano corrompe, destrói e assassina o meio na busca sôfrega por recursos, estaremos aptos a compreender o simbolismo das imagens que vemos e dos sons que ouvimos? Neste desenho de um mundo onde não existe um herói ou um vilão, mas um equilíbrio complexo e delicado, saberemos ler o cinema? Saberemos pensar a animação?

Há onze anos, em 2008, os estúdios da Pixar lançavam “Wall-E”, um cenário pós-apocalíptico do planeta Terra, coberto de lixo, inóspito, e da sociedade humana, alienada, a viver numa nave espacial. Abrem-se portas de reflexão. O modo como o cinema reinterpreta a realidade entrelaçando-a à fantasia, é mágico! Mas coloca-se inevitavelmente a questão: iremos além dessas portas que perante o nosso deslumbramento inicial se abrem? Ou ficaremos simplesmente a assistir, ora ingénuos de mais para crer sermos em parte responsáveis pelas imagens que observamos ou ingénuos de mais para crer sermos capazes de fazer a diferença?

Hoje, num planeta a gritar por socorro, estaremos demasiado cegos para o ouvir?

(2019-09-01)

* Imagem do filme “A Princesa Mononoke” (1997) de Hayao Miyazaki